

Bebedouros e cafés terapêuticos!

Clara Alcione Martins

O macro cenário: o prédio de uma indústria de laticínios – aliás, muito conhecida, uma multinacional – alugada para um órgão público, uma Agência Reguladora. Coincidência? Um órgão público, não caracterizado como setor produtivo, incrustado no setor de indústria do DF, dentro de uma ex-fábrica. O que diria Lúcio Costa? Qual o simbolismo dessa situação?

O médio cenário: um corredor largo como o Eixão. Uma analogia à cidade. Nunca vi corredores tão largos em um órgão público. Lembrar que o prédio é alugado por m². Normal numa indústria, para facilitar a mobilidade das empilhadeiras com seus paletes cheios de produtos, ali, naquele local, para a finalidade a qual se destinam, aqueles corredores, alugados por m², causam-me estranhamento.

O micro cenário: no corredor-eixão, um bebedouro, daqueles de garrafão azul emborcados em um suporte branco, e uma mesinha com garrafas de café – com açúcar e sem açúcar, e, bem ao lado, a máquina de xérox. Perfeito!

Então eles vêm e vão como naufragos beber ali um pouco da ilusão de normalidade. Encontram-se, assim a esmo, sem programação, por puro acaso. Acaso? Pensar em acaso significa adentrar em um terreno movediço, no qual podemos afundar nas crenças e certeza nossas e dos outros.

Sincronicidade, conceito que Jung sobrepõem à idéia de acaso? O que diria ele deste estranho diálogo em frente ao bebedouro que ocorreu assim:

Coloco-me no centro da cena. Chego primeiro. Em segundos, encostam mais dois colegas. Falam da nova portaria de controle de horários. Do retrocesso disso. Da falta do que fazer desses gestores que só criam mais e mais sistemas de controle. Não é mais nem o Panóptico foucaultiano. Na era da Internet, o Panóptico é peça de museu. Bauman (1999) fala da irrelevância desse “antigo modelo moderno” de controle social, ao introduzir o conceito de sinóptico. Mas, nessa agência, o Panóptico é o (*must*¹) da gestão. É o mofo da velharia gerencial o (*must* II²). Já não há mais nem indignação em meu colega, mas um ar de cansaço do sem sentido das coisas.

Nesse meio tempo, mais uma colega havia se achegado a nós. E mais uma. Então chega o último personagem. Somos seis. Paramos todos ali, ao redor do cafezinho e do bebedouro, reclamando da tal nova portaria do horário, da discriminatória idéia de reserva de vaga de estacionamento interno do prédio apenas para os gerentes e os diretores, deixando-nos a mercê das intempéries, naquele lugar, sem transporte coletivo, cheio de caminhões. Queremos mudar de área, mas há a necessidade do escambo de gente –é – escambo – pois a norma e: você só muda de setor de for trocado por outro servidor – Chegamos à

conclusão de que não adianta mudar de lugar que tudo é... e o palavrão, saindo em uníssono, nos faz rir. Conseguimos ainda rir de nossas misérias. Temos chance!

Pergunto então: meu Deus, pessoal, como fazer para ser feliz aqui?

De imediato um dos colegas, fazendo o gesto, diz: ficando cego, surdo e mudo. É essa a receita. É assim que sobrevivo aqui. O ar é de desalento.

Como, diz outra colega, dirigindo-se a mim? Estou até te estranhando hoje. Você está até alegre! Como você conseguiu?

- 75 miligramas minha cara! Entrei nas 75 mg do antidepressivo e digo o medicamento.

Rimos todos, ao mesmo tempo em que um dos colegas num misto de ironia e tristeza pergunta: quantos remédios você toma?

Só um, digo. 75 mg! Uma super dosagem. Nunca tomei tão alta!

Só um? E eu? Tomo 4 (quatro) medicamentos. Bipolar, ansiedade, insônia e pânico! E você reclamando de tomar só um!

Mais risadas. Então outra colega fala meio que sem jeito: ontem meu psicoterapeuta me receitou ansiolítico (diz o nome do tarja preta). Não estava agüentando mais vir para cá.

A mais reservada só diz de mansinho que já toma todos os medicamentos citados há mais de dois anos, desde que entrou ali.

O último colega, também quietinho, só diz que também usa medicamentos, que não tem outro jeito, que é difícil, mas precisa do salário, coisa, aliás, que todos nós dizemos.

Assustada uma colega diz que tem de ir, pois o Big Boss está chegando....

Nos dispersamos...

Levo a estranha sensação de ter vivido mais uma cena surreal no cenário, onde, acaso ou não, se encontram diariamente personagens que de uma forma ou de outra, dizem a mesma coisa.

Volto ao computador. Eu, servidora pública. Estou no prédio da antiga fábrica de laticínios, a multinacional, e tenho a sensação de que as almas de Ford, Taylor e Taiichi Ohno me espreitam zombeteiras.

Qual o significado disso tudo? Quais as formas modernas do *tripalium* que nos levam a isso? Reflito estarecida em cima de um fato por demais relevante: minha instituição tem como “missão”: Proteger e promover a saúde da população.....!

Referência

Bauman, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. RJ: Zahar, 1999.

¹ Must I – dever, obrigação, necessidade.

² must 2 – bolor, mofo.